

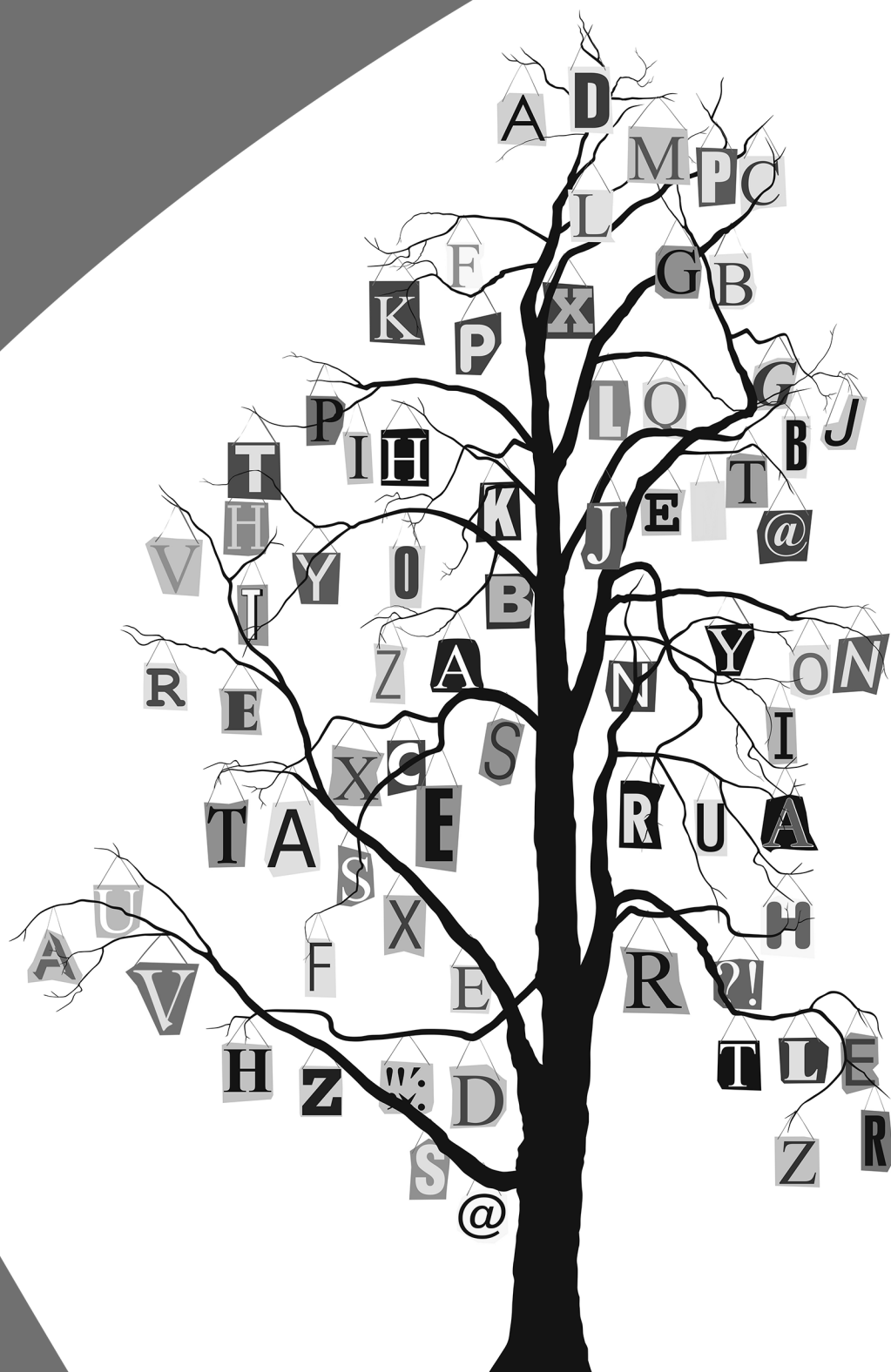
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

159 (In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-18-8
 DOI 10.22533/at.ed.188202802

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves	
Clara Gouvêa do Prado	
Leonardo Birche de Carvalho	
Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn	
Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA

Data de aceite: 18/02/2020

Márcia Virgínia Mignac da Silva
(UFBA)

Salvador-Bahia

<http://lattes.cnpq.br/0925131777043133>

Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque
(UESB)

Salvador-Bahia

<http://lattes.cnpq.br/7913529993809727>

*Artigo publicado anteriormente nos Anais do VI Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança ANDA (2019).

RESUMO: Este artigo a partir do entrecruzamento entre as Ciências Cognitivas, Ciências Políticas, Filosofia, Comunicação e Dança, propõe apresentar o ambiente bios midiático (Sodré, 2006), como replicador de formas de vida e da sociabilidade que vem sendo construída diante da expansão do mundo neoliberal. Para tanto, a centralidade do corpo norteará as discussões acerca dos fluxos sócio-midiáticos do tempo atual e a produção de epistemologias. Uma vez que, sem olhar o corpo na situação em que se encontra hoje, premido pelo neoliberalismo e pelas transformações cognitivas trazidas pelo viver *onoffline*, não se pode pensar o papel da dança. Avançando na discussão, a Performance do artista Aguinaldo

Moreira de Souza foi tratada dentro de uma perspectiva ilustrativa, a fim de explicitar a potencialização das materialidades biopolíticas no ambiente digital. O referencial teórico utilizado priorizou os seguintes autores: Katz & Greiner (2005), Pélbart (2013, 2016, 2019), Han (2015, 2018) e Safatle (2016).

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Corpomídia. Materialidade Biopolítica.

DANCE AND KNOWLEDGE: NOW FORMULATIONS OR INSURGENCES

ABSTRACT: This article from the intersection between Cognitive Sciences, Political Sciences, Philosophy, Communication and Dance, proposes to present the media environment (Sodré, 2006) as a replicator forms of life and the sociability that has been built before the expansion of the neoliberal world. To this end, the centrality of the body will guide discussions about the socio-mediatic flows of the present time and the production of epistemologies. Since without looking at the body in the situation in which it is today, pressed by neo-liberalism and the cognitive transformations brought about by live onoff line, one can not think about the role of dance. Advancing the discussion, the performance of the artist Aguinaldo Moreira de Souza was treated within an illustrative perspective, in order to make explicit the potential

of biopolitical materialities in the digital environment. The theoretical framework used prioritized the following authors: Katz & Greiner (2005), Pélbart (2013, 2016, 2019), Han (2015, 2018) and Safatle (2016).

KEYWORDS: Dance.corpomídia. Materiality. Biopolitical.

DESAFIOS DO TEMPO DE AGORA

Viver no tempo atual, não tem sido uma tarefa fácil. As convulsões que vêm redesenhando o mundo impregnam o corpo, entendido aqui, como uma “realidade biopolítica” (PÉLBART, 2013, p.55), ou seja, uma realidade modulada a mecanismos de existência. De modo que se torna mais do que necessário, arriscar-se dizer que é vital, repensar o estatuto político da atualidade. E avançando um pouco mais, faz-se urgente investigar a relação do corpo que dança, com o que se impõe a partir das investidas do biopoder (na base da vigilância) e dos fluxos sociomidiáticos, uma vez que sem olhar o corpo na situação em que se encontra hoje, premido pelo neoliberalismo e pelas transformações cognitivas trazidas pelo viver *onoffline*, não se pode pensar o papel da dança, na produção de epistemologias e formulações insurgentes.

Não à toa Peter Pál Pelbart no prólogo do seu livro intitulado *Ensaio do Assombro* (2019), discorre sobre o contexto atual e a impossibilidade de pensar a vida sem as inflexões que lhe cabem. Assim, no fluxo do referido autor, esse artigo também segue com o mesmo propósito, ao trazer para a discussão a Performance em dança do artista, Aguinaldo Moreira de Souza¹

De partida, é preciso admitir que se vive uma crise existencial crônica (COMITÊ INVISÍVEL, 2016), na qual a subtração do existente, configurou-se uma estratégia tática para sobreviver supostas doses de realidade. De acordo com o Comitê invisível (2016), o divórcio com a existência e a vida efetivamente ausente, fez o homem ocidental transportar-se para uma bolha autista, cuja projeção do real para o plano visual, distante e digital da internet, o protegeu daquilo que a vida o repugna e o leva à náusea.

Não foi por acaso que ele colocou tantas *telas* entre si e o mundo. Ao se subtrair do existente, o homem ocidental criou essa extensão desolada, esse nada sombrio, hostil. Mecânico, absurdo que ele tem que transformar incessantemente por meio de seu trabalho, por meio de um ativismo canceroso, por meio de uma histórica agitação superficial. Rejeitado sem tréguas, da euforia à imbecilidade e da imbecilidade à euforia, tenta atenuar sua privação de mundo por toda uma acumulação de especializações, próteses e relações, toda uma quinquilharia tecnológica que é por fim decepcionante. Ele é, visivelmente, cada vez mais e

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1992), Mestrado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998) e Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Teatro, Expressão Corporal, Interpretação Teatral, Semiótica e Discursos Interartísticos.

mais esse existencialista superequipado, que tudo engendra, que tudo recria de modo contínuo, sem conseguir suportar uma realidade que, por todos os lados, o ultrapassa (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 34).

Apontar a separação do homem ocidental com a existência consigo próprio e com os outros, solicita uma leitura menos euforicamente celebratória e mais crítica sobre o mundo, produzido pela midiatização das relações vividas e a aquisição de novos hábitos cognitivos produzidos pelas novas tecnologias da informação e comunicação, mídias sociais e suas práticas sociomidiáticas. Principalmente quando aqui, hipoteticamente, considera o ambiente *bios midiático* (SODRÉ, 2006) como replicador de formas de vida e da sociabilidade que vem sendo construída diante da expansão do mundo neoliberal. O conceito de *bios midiático* desenvolvido por Muniz Sodré (2006) remete primeiramente ao *bios virtual* – um ecossistema tecnológico de virtualização de formas de vida, que diante das novas relações espaço-temporais exacerba-se e determina novas estruturas e configurações sociais. Logo o “bios midiático” é uma transformação técnica do espaço-tempo, adequada ao ambiente midiático atual. Pois,

o médium hoje não se define como um mero dispositivo técnico (embora esse suporte lhe seja necessário), nem como uma forma fechada em torno de uma gramática (tevé, cinema, jornal, etc.), e sim como o conceito de desdobramento tecnológico da Cidade Humana, **uma espécie de prótese ontológica para o controle das relações sociais e das novas subjetividades por tecnologias informacionais** (SODRÉ, 2006, p.98 – grifo nosso).

Neste sentido, é imprescindível pensar *conjuntamente* o corpo e seus modos de existência, subjetividade, práticas sociomidiáticas e o *bios midiático*. Justamente para desmontar os equívocos de uma leitura que tende apenas a considerar uma concepção meramente utilitária da tecnologia e suas práticas, sem refletir os impactos das mídias sociais na organização da vida cotidiana, de um contingente cada vez maior de indivíduos, cujos novos hábitos cognitivos passaram a ser habilitados no e, pelo corpo.

Principalmente quando se percebe que essa relação quase compulsória com a mídia digital, o viver *online* obrigatório, torna cada vez mais crescente o tempo diário gasto na navegação na internet. Pois, de acordo com os dados do relatório “2018 Global Digital”², da *We Are Social*³ e da *Hootsuite*⁴, a população brasileira passa, em média, mais de 9 horas do dia conectado na *web*. Sendo que o tempo diário gasto nas redes sociais supera 3 horas e meia, uma média mundial acima nesse quesito.

Logo, se faz preciso emitir um sinal de alerta: a pura proliferação de quinquilharia tecnológica própria do *homo digitalis* (HAN, 2018) e a embriaguez levada pela mídia digital, carregam a incapacidade de avaliar as consequências do que está posto. Na

2 <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018> Acesso em: 20.07.2019

3 <https://wearesocial.com/> Acesso em: 20.07.2019

4 <https://hootsuite.com/> Acesso em: 20.07.2019

esteira das benesses do avanço das práticas sócio-midiáticas e do mundo digital, pode residir um mecanismo de despolitização do sujeito, no qual impediria uma leitura crítica da realidade, tendo no corpo o papel central em revelar o que se instaura a partir dele. Uma vez que,

[...] precisamos desenvolver a habilidade particular de impedir que o que está na luz nos distraia da necessidade de buscar o que não está nela aparente. Sobretudo com relação ao corpo, essa tarefa que se impõe: aprender a ver o que já está naquilo que dele se fala, mas ainda no escuro dessa fala (KATZ, 2010, p.122).

ESCLARECIMENTOS VITAIS

Logo o primeiro esclarecimento a ser dado, refere-se a indissociabilidade do corpo e as tecnologias da informação e comunicação. O que impede que as mídias sociais sejam tratadas de forma abstrata, pensadas apenas na perspectiva de um fenômeno da cultura digital. A proposta é a de se demonstrar que o “bios midiático”, não pode ser pensado fora do contexto sociocultural que o produz e, dos corpos que nele coabitam. Afinal, de acordo com Katz (2002), o corpo tornou-se o primeiro domínio dessa contaminação e um ótimo sítio para a observação dos seus novos fenômenos.

Assim, evoca-se uma epistemologia batizada como *Corpomídia* por Helena Katz e Christine Greiner (2001), tributária da semiótica peirceana nos usos dos conceitos de fluxo permanente (semiose) e das teorias evolucionistas neodarwinianas (entre as quais se destacam o meme de Richard Dawkins e a concepção de mente de Daniel C. Dennett) e da abordagem filosófica do papel das metáforas na construção da cognição proposta por George Lakoff e Mark Johnson (KATZ, 2004, p. 121 apud MACHADO, 2007, p. 34).

A Teoria *Corpomídia*, desmonta o entendimento do corpo como um recipiente que tem extensões a ele acopladas, repropoendo pensar esse corpo a partir de sua existência processual, na forma de uma mídia de si mesmo, sendo a ideia de mídia aqui proposta referente ao modo do corpo existir. Na continuação, como um sistema vivo, em trânsito contínuo de trocas de informações com o ambiente, como um corpo que nunca é, porque está sempre sendo um momento recortado em fluxo. Katz e Greiner (2005, p.130) indicam ainda que:

Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo – processo condicionado pelo entendimento de que corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo não estanca, o corpo vive em estado do sempre-presente, o que impede a noção de recipiente.

E prosseguem: “[...] A mídia à qual o Corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão se constituindo corpo. A

informação se transmite em processo de contaminação” (KATZ; GREINER, 2005, p. 131).

A noção de contaminação ajuda a desestabilizar entendimentos de transmissão que se apoiam no modelo emissor-receptor. Nele, o corpo é apresentado como um agente passivo, influenciado/modelado por quem emitiu a informação. Quando se substitui a noção de influência pela de contaminação, a ideia de causalidade ganha outros contornos. A proposta, aqui, é pensar que “todo corpo é *corpomídia* de si mesmo, isto é, um *corpomídia* do estado momentâneo da coleção de informações que o constitui” (KATZ, 2006, p.1).

É no corpo que se encontram os subsídios para se pensar os mecanismos de produção, armazenamento e transmissão da informação como processos contaminatórios que se estabelecem por meio de redes de conexão com o ambiente, e não por relações de causa- efeito. Pois, de acordo com Greiner e Katz:

o próprio corpo resulta de contínuas negociações de informações com o ambiente e carrega esse seu modo de existir para outras instâncias de seu funcionamento. Ou seja, a ação criativa de um corpo no mundo reproduz os procedimentos que o engendraram como uma porta de vaivém, responsável por promover e romper contatos. [...] Os processos de troca de informação entre corpo e ambiente atuam, por exemplo, na aquisição de vocabulário e no estabelecimento de redes de conexão (GREINER; KATZ, 2001, p. 72-73).

A partir desses entendimentos, pode-se pensar a *mutualidade* enquanto condição relacional entre corpo e tecnologia, que se codeterminam por processos de contaminação mútua. Logo é legítimo pensar que os meios *bio* e *tecno* são mutuamente transformadores e transformados.

As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças (KATZ; GREINER, 2001).

Como se vê a centralidade do corpo é uma chave de abertura para extrapolar o enquadramento utilitário dado à era digital. O interesse aqui é, investir na hipótese de que o corpo é *Corpomídia* das materialidades biopolíticas presentes nas práticas sociomidiáticas, afinal, como já foi dito antes, “o corpo é uma realidade biopolítica” (PELBÁRT, 2013, p. 55). Logo trata-se de pensar quais são os corpos produzidos e os modos de vida atados nessa construção.

Importa notar que a biopolítica atua com esse homem vivo, em contato máximo com os meios e dotado da capacidade de ser afetado. Pois como relembra Peter Pál Pélbart, “todo sujeito vivo é primeiramente um sujeito afetado, que sofre de suas afecções, de seus encontros, da alteridade que o atinge, da multidão de estímulos e excitações que lhe cabe selecionar” (PELBART, 2013, p. 31). Assim, pode-se dizer

que a corporificação de materialidades, antes de tudo é uma expressão de afetos (SAFATLE, 2016).

A intenção é entender a materialidade corpórea como um fluxo de estados, sintomas e afecções do corpo que respondem cognitivamente às condições de vida que o biopoder impõe. O biopoder, termo cunhado por Foucault, consistia em fazer morrer e deixar viver, e funciona na atualidade de fazer sobreviver, cria e gerar sobreviventes. Neste viés, entende-se materialidade não como uma resposta endereçada a algo, e sim como um processo de corpar, o que isto significa? Que existe uma questão estrutural posta: constituição de corpos e um corpo social, com um repertório de materialidades biopolíticas.

MATERIALIDADES BIOPOLÍTICAS EM CURSO: RESPOSTAS AO TEMPO

Esse é um ponto fundamental para a escrita argumentativa deste artigo, e desdobra-se em direção a uma tentativa de correlacionar, o repertório de materialidades biopolíticas as condições midiáticas, sociais e comunicacionais promovidas pelas tecnologias da informação e da comunicação. Pois, cada vez mais é preciso indagar, de que maneira essas ocorrências estão implicadas? E como escoam para o campo da dança?

Ao conversar com Byung Chull-Han (2015), pode-se pressupor, então, que cada época possui um regime de afeto próprio e um tipo de enquadramento de sintomas. Segundo o autor, o começo do século XXI foi definido pelas suas doenças neuronais, como a depressão, transtorno do déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB). Precisamente em decorrência da mudança de paradigma, que passou a ser definido pelo excesso de positividade – superprodução, superdesempenho, supercomunicação, no qual não há possibilidade de nenhuma defesa imunológica.

A conclusão de Han (2015) é que, estes excessos aliado à sobrecarga de trabalho, modificam radicalmente a estrutura e economia da atenção. Ou seja, promove uma dispersão geral e falta de criticidade, comum a sociedade trabalhista e de informação pós-moderna, como também aos animais em estado selvagem. Sobre isto ele diz:

Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu (sua) parceiro (a). Na vida selvagem, o animal, está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer, nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que está diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computadores geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à

Como se vê, os entendimentos propostos por Han (2015) apontam para a aquisição de um hábito cognitivo que tende a deslocar a atenção profunda, por uma atenção bem distinta, e dispersa, caracterizada pela rápida mudança de foco. Uma reorientação do hábito, levado por uma adaptação às condições presentes nos usos das novas tecnologias e que de algum modo é reproduzido nas formas de vida e em sociabilidade. Pois pela impossibilidade do exercício da atenção profunda e contemplativa, corpa-se a intolerância ao tédio e o desaparecimento do descanso.

Não à toa que falta de atenção e por consequência a ausência de criticidade nos tempos de agora, assim como a adesão imediata ao conteúdo postado se intensifica no mundo digital, haja vista que se potencializa o automatismo e a imediatez. Uma vez que:

o que acontece nesse excesso, nesse bombardeio generalizado, nessa saturação, é que tudo e nada são a mesma coisa. Perde-se, assim, a capacidade de produção de sentido. Com essa quantidade de tsunami de informações, ninguém é capaz de apreender, elaborar, digerir, selecionar ou mesmo recusar (PELBART, 2016).

Somam-se a essas ocorrências os seguintes sintomas: a egotização crescente (HAN, 2018) e a autorreferencialidade (TIBURI, 2015), próprios do sujeito produtivo fruto do sistema capitalista. Pois o sujeito econômico neoliberal tende a não agir conjuntamente, assim sem eco na multidão, a sua voz amplifica-se apenas pelo que se vive e entende do mundo, sem a conjugação com o outro.

O que precisa ser sublinhado a partir de agora, é o reposicionamento do corpo que dança/performa, fora das formulações consagradas e avançar na produção de conhecimento contextualizado e seus processos de corporificação. Pois, de acordo com Helena Katz, o “que se explicita no corpo, pode colaborar com a disseminação dos entendimentos que toda epistemologia é local e co-dependente das circunstâncias sócio-políticas do contexto ao qual se enrama” (KATZ, 2010).

MOVIMENTAÇÕES INSURGENTES

Para refletir e ilustrar as materialidades biopolíticas e as condições midiáticas, sociais e comunicacionais produzidas nesse momento, essa sessão vai tratar da performance em dança, encenada no campus da Universidade Estadual de Londrina pelo autor Aguinaldo Moreira de Souza, cuja nudez apresentada em cena é perversamente mimetizada nas redes sociais⁵. Um tipo de produção e consumo que homogeneíza discursos e dissemina um comportamento autoreferenciado e raivosos.

Enquanto performance em dança trata-se de uma experiência estética de

5 Acesse e veja o vídeo: <https://vimeo.com/156986375>

características singulares no trato do movimento e pode contribuir na disruptura de habitualidades e fisicalidades nas informações no corpo, segundo Katz (2010). Sendo assim, é impossível pensar a dança e não olhar o corpo e suas ocorrências habituais da vida *onoffline*. Faz-se necessário pontuar que a borração *onoffline* avançou tanto, que nem seria necessário usar as duas denominações, mas por razões didáticas e delimitação do fenômeno, e na falta de outro modo para enunciar o que agora ocorre, as duas terminologias serão mantidas para formarem uma palavra única, *onoff*. O corpo envolvido em processos de criação ressoa experiências que se potencializam como *mídia de si mesmo*, ou seja, *corpomídia* em ação no mundo, dessa forma, situam-se coimplicados e codependentes das questões sócio-políticas no qual se encontram contextualizados. Pois,

quando se instaura o diferente num quadro de banalidades, tende-se a dissolver a sua opacidade, daí a frequência com que se busca localizar o ser humano nos costumes do seu cotidiano. Na dança que se faz no Brasil, hoje, são muitas as formas com que o dia a dia se manifesta e passa a ser encarnado numa população de corpos diferenciados. (...). Tais corpos, contudo, são os mesmos que se perfilam, ombro a ombro, para a mesma bandeira e o mesmo hino, ao mesmo tempo que atuam como raízes-antenas com os outros ambientes (KATZ, 2010, p.78).

Observar com a lente da Teoria *Corpomídia* ratifica criar argumentos e produzir um tipo de conhecimento, que vai de encontro às convocações biopolíticas, estreladas por atores midiáticos em curso, que promovem a glorificação de um tipo de conteúdo que se tornam vozes e ecoam a partir de manchetes, resvalando num discurso emocional e moral sobre o que está certo ou errado.

Assim no dia 25 de fevereiro de 2016, às 18h45, Aguinaldo Moreira de Souza professor e na época aluno do curso de filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), apresentou como monografia final uma performance de dança de 25 minutos nos campos dessa instituição. A ação foi realizada no Centro de Ciências Humanas em Londrina no Paraná, perante a banca de três doutores em Filosofia. O trabalho teórico foi intitulado: “Compreender e imaginar o texto e cena mediados por um estudo estético-político”.

Sua intenção inicial para chamada ao evento numa rede social possibilitou ao estudante/diretor e professor, acionar um público diverso a se inscrever e consequentemente participar de todo o processo criativo. Como pôde ser observado, a ideia e concepção do autor busca romper um padrão específico para essa apresentação de final de curso, que seria em uma sala de aula fechada. O local escolhido pelo diretor dessa performance, parece querer representar a forma de resistir às violências, no qual o corpo se encontra exposto nessas teias do poder neoliberal. A escolha desse espaço se deu para dar visibilidade a sua discussão de desestabilizar conceitos, deslocar falas e comportamentos normativos.

Inicialmente, minha intenção era fazer um estudo sobre estética visando alcançar conceitos para abordar a performance art ou, de algum modo, efetuar uma reflexão que apresentasse esclarecimentos acerca dessa linguagem artística. Nos encaminhamentos da pesquisa, voltei-me para questões éticas e morais, o que me levou a um mergulho nas relações entre os artistas, entre artistas e plateia, entre artistas e sociedade, mas, por fim, a política foi o suporte para que questões estéticas, éticas e morais pudessem ser discutidas e aprofundadas, o que redirecionou o estudo (SOUZA, 2019, p. 43).

De acordo com Aguinaldo Souza (2019), a pesquisa se organizou a partir de filmes, imagens videográficas, leituras de livros, jornais sobre o tema, reportagens do Carandiru e fotografias de um campo de concentração na Alemanha, local visitado pelo profissional na época dessa montagem. Essa ação chamada *revolução silenciosa*, se fez a partir de quatro imagens, ação, segundo Souza (2019, p.18), “(...) emblemáticas: três delas eu havia trazido de um material acessado na viagem à Polônia e uma de uma reportagem brasileira sobre o “massacre” do Carandiru”.

As cenas também buscaram romper com a ideia de “ser-para-o-movimento” discutido no livro *Exaurir a dança: Performance e a política do movimento* de André Lepecki (2017). O autor parece assumir a ideia e noção de dança como um movimento que contradiz as características da modernidade, e apresenta referências do cotidiano na busca a perceberem como se fazem coimplicados pelas informações e, como externalizá-las na tentativa a outros modos de se mover, quando:

(...) percebe o corpo não como entidade encerrada em si mesma, mas como sistema aberto e dinâmico de trocas, constantemente produzindo modos de sujeição e controle, bem como modos de resistência e devir (LEPECKI, 2017, p. 28).

O roteiro da apresentação foi compartilhado, e as cenas foram feitas a partir das imagens sugeridas e encadeadas, convocando os artistas, para serem coautores a partir de suas experiências afetivas, e de ativações de momentos significativos e revisitados em suas próprias formas de vida.

Segundo Aguinaldo Souza, a primeira imagem referia-se às famílias inteiras de judeus, quando deportados a um campo de concentração, e sofriam o constrangimento e a vergonha de despir-se enfileirados. A segunda imagem tratava-se de uma foto jornalística do Carandiru, com todos os presos nus ou seminus, sentados, e humilhados pelos policiais, com a cabeça baixa entre os braços. A terceira imagem, segundo o autor “último sopro de espontaneidade nos corpos já debilitados e sem dignidade”, mostra os prisioneiros do campo de concentração jogando futebol e a última imagem, foram os corpos mortos e cobertos com cal, empilhados e preparados para serem colocados nos incineradores.

Atualmente, a autorreferencialidade faz de todos especialistas, justamente pela emissão de opiniões sem nenhum conhecimento. Alguns atores midiáticos enquanto

vigias do corpo, promovem a glorificação de um tipo de conteúdo que se tornam vozes e ecoam como manchetes, convocando moralidades, sobre o que está certo ou errado, e exacerbam um tipo de manifestação sentimentalista no ambiente digital. Gerando a perpetuação de tendências dominantes, promovendo dentre outras coisas o desconhecimento, e a partidarização sobre determinado assunto.

Eram 18h45min da noite e os presentes eram universitários, professores e funcionários; alguns fugiram, outros ficaram interessados, muitos assistiram simplesmente. Alguém levantou a voz para dizer que aquilo não era arte. Uma jovem disse que não era obrigada a sair da aula e ver aquilo, mas ficou plantada no lugar, não usando seu direito de deixar o local. Muitos aparelhos de celular foram acionados por transeuntes, funcionários e estudantes – deu-se a entrada dos demônios, diria Guimarães Rosa (SOUZA, 2019, p.19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi descrito desde o início do artigo, propôs-se com esse texto averiguar as investidas do biopoder na produção de materialidades biopolíticas e a correlação com os fluxos sociomidiáticos. Avançando na possibilidade de refletir as transformações cognitivas, trazidas pelo viver *offline*, para se pensar o papel da dança na produção de epistemologias e formulações insurgentes.

A performance em dança, aqui, ilustrada revelou o modo como as materialidades biopolíticas são intensificadas nas práticas sociomidiáticas, extrapolando os contornos meramente funcionais para evidenciar as transformações cognitivas trazidas pelo viver *offline*. A disseminação de um pensamento acrítico, gerador de tendências dominantes, regadas com requintes de ódio e intolerância, demonstram nada mais nada menos, o automatismo e a imediatez no ato digital.

A partir do entendimento de corpo como *Corpomídia*, apresentou-se essa epistemologia como uma possível estratégia biopolítica contemporânea, visando ampliar e reconhecer que tipos de comportamentos engendram difamações e incitam violência a partir do processo coevolutivo de selecionar informações que vão se constituindo corpo em processo de contaminação.

No mais, a postura biopolítica do artista se faz também numa tentativa de burlar a abissalidade nos discursos ao corpo apto para performar, constando de determinadas habilidades e competências que incluem dentre outras coisas certos padrões de beleza, “o objetivo é escapar das enunciações viciadas para tentar encontrar outras maneiras de descrever o que se passa” (KATZ, 2014, p. 8). Segundo o autor da performance em dança, esse trabalho fez parte de um momento pessoal na sua vida.

Este espetáculo e essa performance, conseguiram fazer eu me sentir honesto em atender a urgência do meu tema no campo da arte. Depois que eu vi todos os desdobramentos da intervenção eu vi como ela era necessária. O tipo de irritação

que apareceu é de gente descontextualizada. Parece que nós não estávamos cumprindo o papel de mostrar, ou como filósofo, de esclarecer sobre coisas importantes. O que me ficou sobre tudo isso, nem é a incapacidade, talvez de reconhecer signos, ou as pessoas, na solidão do lar xingar tudo que elas não conhecem. Então, que bom que oportunizamos essa possibilidade. Acho que, no fundo, a liberdade foi questionada. No fundo, o grande problema é, cada voz, mesmo as pessoas que também defenderam a obra, às vezes, também tinham um discurso autoritário e impositivo. O essencial aqui é a liberdade de ver (Ou fazer e não fazer). Todo mundo começou a usar a negativa muito forte. Uma moça escreveu: Não sou obrigada a sair da sala de aula e ver isso. Claro que não é ela saiu e viu 25 minutos de performance. Ela esclarece toda a falta de liberdade que as pessoas tem. Você pode ficar chocado, até criticar, mas não pode dizer que isso não deve acontecer (Depoimento pessoal de AGUINALDO DE SOUZA, 2017).

Em tempos de relatos e cenas banalizadas pelo jogo de interesses que se faz articular pelos afetos políticos e alianças, fiscalizar parece ser necessário. Sugere-se a esses fiscalizadores, ou vigias dos corpos nas redes, a necessidade de dosar as opiniões antes de viralizar.

Uma observação sobre algumas ocorrências relacionadas a esse episódio está no fato de que, usaram as imagens desse acontecimento ocorrido em 2016 para contextos atuais, sem checar as informações e atualizam com manchetes do tipo “balbúrdia”⁶. O que se observa nesses discursos, é a promoção de um tipo de pensamento que sai na direção oposta ao que se propõe como democracia. Instaura-se uma relação fragmentada, que ao invés de produzir discursos plurais, rasura e blinda.

Por fim, o corpo que dança é uma inspiração para a produção de epistemologias plurais, na medida em que se move no desafio de responder, refletir e contestar as questões postas no mundo. Portanto, a produção de conhecimento em dança antes de tudo é uma insurgência, que não emana dos biopoderes e sim do corpo a partir da sua capacidade inventiva e de reversibilidade.

REFERÊNCIAS

BYUNG-CHUL, Han. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

_____. **No Enxame. Perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo e Processos de Comunicação. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, RS, v. III, n.2, dez.2001.

KATZ, Helena. **O Pensamento crítico no mundo do corpo apps e da lógica do software**. Anais do III Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA. Salvador, 2014.

6 <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2019/05/15/foto-apontada-como-balburdia-estudantil-era-performance-sobre-holocausto.htm> Acesso em 01/07/2019.

_____ **A Dança e suas epistemologias**. 1º Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança: Catálogos. Salvador: UFBA, 2010

_____ Todo corpo é Corpomídia. *Semiótica e Semiologia*. **Com Ciência** – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, n. 74, 10/03/2006.

_____ **Um, dois, três**. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: Helena Katz, 2005, 1ed. 2005.

_____ Apresentação. In: SANTANA, Ivani. **Corpo aberto**: Cunningham, dança e novas tecnologias. São Paulo: EDUC, 2002.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia. In: **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

LEPECKI, André. **Exaurir a dança**: performance e a política do movimento Tradução Paulo Assumpção Barros Costa. São Paulo: Annablume, 2017

MACHADO, Adriana Bittencourt. **O papel das imagens nos processos de comunicação**: ações do corpo, ações no corpo, 2007. 117f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PELBART, Peter Pal. **Ensaio do Assombro**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

_____. **Tudo é feito para conexão absoluta, a mais saturada possível**, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/557790-qtudo-e-feito-para-conexao-absoluta-a-mais-saturada-possivelq-> Acesso em: 20.07.2019.

_____ **O Averso do Nilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUZA, Aguinaldo Moreira de. **Dor e silêncio**: performance e teatro sobre o holocausto nazista. Curitiba: Appris, 2019.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0